**AS IMAGENS DAS MULHERES NAS ARTES AO LONGO DA HISTÓRIA: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS ARTÍSTICAS PARA SALA DE AULA.**

**Éber de Oliveira Felipe[[1]](#footnote-1)**

**Gibson de Melo Portela Júnior[[2]](#footnote-2)**

**Jandeck Barbosa da Silva Júnior[[3]](#footnote-3)**

**Janaína Guimarães da F. Silva[[4]](#footnote-4)**

**Resumo**

O presente trabalho apresenta uma pluralidade de perspectivas relacionadas à representação da mulher na arte. Tendo em vista que a história da arte exerce papel de destaque na compreensão de muitos períodos históricos, o texto traz as diversas percepções acerca da figura feminina no meio artístico ao longo dos séculos e apresentadas em sala de aula no intuito de desenvolver uma nova percepção de gênero/história ao alunado, percebendo que diversos textos históricos/ didáticos ainda dão pouco espaço para as mulheres e toda a sua carga de experiências específicas, sendo retratadas de acordo com idealizações contraditórias, criadas segundo os valores masculinos de cada momento histórico. Com isso, o artigo visa apresentar essas múltiplas perspectivas ao longo da história da arte e sua importância para a sala de aula.

**Palavras-Chaves:** Mulher, Arte, História, Sala de Aula.

**Introdução**

O debate a cerca de gênero, dia após dia, vem se fazendo necessário, já que a desigualdade entre homens e mulheres é algo nítido em nossa sociedade. “A interiorização da mulher é inserida na sociedade através dos olhares sociais masculinos, fazendo com que a condição subordinada da mulher seja facilmente transmitida e incorporada na sociedade. A mídia por trás da manipulação do corpo feminino como objeto de consumo afirma essa distinção de papéis.”[[5]](#footnote-5) Apresentar o fato de que a mulher ao longo da história teve sua voz calada e ocultada é conscientizar e desconstruir pensamentos machistas de que a mulher não teve participação ativa na história, já que segundo Joan Scott:

No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (“as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”). No que diz respeito à participação das mulheres na história e a reação foi um interesse mínimo no melhor dos casos [...] O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico.[[6]](#footnote-6)

Com isso, percebe-se que desde a antiguidade até o período contemporâneo, a arte e a forma de pensar dos autores, além de mostrar indireta ou diretamente a forma de pensar daquele período histórico, também ajuda a difundir perspectivas de desigualdade de gênero. De acordo com Tedeschi:

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo.[[7]](#footnote-7)

Quando se busca as representações das mulheres ao longo da História da Arte, percebem-se as implicações ideológicas enfrentadas por elas em cada época. As mulheres aparecem segundo idealizações contraditórias, elaboradas segundo os valores masculinos de cada momento histórico.

Nessa história artística mantém-se a desigualdade entre o número dos artistas masculinos e dos femininos, sendo o número dos homens superior. Entretanto, ao se analisar a participação dos mesmos nas representações artísticas, o papel se inverte, ou seja, há um claro predomínio da figura feminina e isso se dá por que na arte a mulher não é vista como um sujeito e sim como um objeto, fazendo um comparativo de como o corpo da mulher era retratado na pré-história “a função da imagem artística do corpo feminino mudou muito, em decorrência dos mais variados fatores históricos, sócio-culturais, políticos, econômicos. Esta função estava ligada à beleza como ideia de perfeição que refletia na imagem de seu caráter (beleza como símbolo de virtude), e como exemplo existem as inúmeras representações de deusas e de imagens da Vênus.”[[8]](#footnote-8) Com isso, Flávia Leme de Almeida diz:

Apesar de terem sido suprimidas em boa parte da história da arte como artistas, as mulheres foram tema de inúmeras representações artísticas desde os mais remotos tempos. Temos infindáveis obras onde o corpo da mulher aparece tanto de forma despida, como parcial ou totalmente encoberta. [...] Podemos observar que tanto Almoço na relva, quanto Lesdemoiselles d’Avignon, as mulheres estão representadas de modo passivo e submisso, sem terem um papel atuante na obra, apenas cumprem o papel de posar como modelos.[[9]](#footnote-9)

Dito isso, se faz necessário analisar e apresentar a imagem que essas mulheres tinham com o passar dos séculos e a forma na qual eram apresentadas artisticamente, tendo em vista desconstruir pensamentos preconceituosos e pejorativos. Pois, falta atenção à história das mulheres em muitos padrões estaduais, currículos e livros didáticos, sendo necessário garantir que professores e alunos reflitam sobre esse fato.

Preparar professores de história qualificados e com experiência se tornou um desafio educacional. De forma simples o presente trabalho visa apresentar as múltiplas perspectivas artísticas acerca da mulher com o passar dos séculos, já que assim como a participação histórica, a mulher nas artes foi retratada por homens e para homens, no propósito de contribuir para melhorar este ensino em sala de aula.

**As perspectivas na arte ao longo da história: A importância para sala de aula**

A arte é um produto de seu tempo. É o resultado do contexto social, político e religioso em que foi criado. Por causa de sua natureza consequente, tornou-se o centro do foco de historiadores interessados ​​em teorias revisionistas sobre a representação de seus sujeitos.  As circunstâncias sociais, políticas e religiosas de diferentes períodos da arte afetam a maneira como as mulheres foram representadas. A partir dessa perspectiva, se faz necessário analisar e abordar a representação feminina em cada período histórico separadamente, começando da Pré-História e terminando na contemporaneidade.

 Partindo da Pré-história, as representações na arte Paleolítica e Neolítica têm como relação à fertilidade/ maternidade e essa perspectiva foi adquirida graças às analises de traços característicos de muitas esculturas pré-históricas, uma análise focada na estrutura do objeto enquanto corpo feminino.

 Tal imagem é chamada de “Vênus” por acreditar que correspondia a um ideal de beleza aos olhos do homem pré-histórico. Ela apresenta uma silhueta volumosa, um ventre exuberante e seios fartos, ressaltando as características de fertilidade feminina. Essa fertilidade era vista como o poder feminino e por isso era tão presente nos objetos pré-históricos, além de se conduzir a um endeusamento das imagens femininas, contudo, essa veneração era presente apenas no sentido religioso, não apresentando mudanças concretas na vida das mulheres, como diz Flores:

Alguns historiadores, antropólogos e arqueólogos, como por exemplo Josef Szombathy, descobridor da Vênus de Willendorf, entre muitos outros, relatam que na pré-história esse tal poder de fecundidade feminina causava um estranhamento que conduzia à veneração das figuras femininas como criadoras, surgindo assim a relação da pré-história com o Matriarcado. Porém esse Matriarcado, consoante aos documentos arqueológicos encontrados e não conclusivos a respeito das origens das estatuetas ditas como representações de um feminino tendo em vista as características físicas, era somente em dimensões religiosas. Ou seja, continua-se afirmando o feminino quando, de alguma forma exaltado, se mantém algo imaterial e emudecido, sem reflexo na vida concreta das mulheres.[[10]](#footnote-10)

Os debates a respeito da pré-história indicam o feminino com o mesmo significado de reprodução passiva, enquanto o masculino apresenta um significado de construção ativa autônoma. Considerando-se que a religião, por diversas vezes sendo considerada como matriarcal pelo “estranho poder” de procriar feminino, encaminhando-se para a mistura entre os símbolos femininos e os símbolos masculinos, tornou o masculino mais forte e devido a isso “o Sagrado Feminino deu um passo para trás do seu sucessor, o “universal masculino”.”[[11]](#footnote-11)

 Desde a pré-história já é possível observar o enquadramento e limitação do ser feminino em um padrão elaborado pela sociedade dessa época. Tal debate em sala de aula, por exemplo, possui sua importância para o entendimento de que a construção de estereótipos está enraizada na história da humanidade e necessita ser revista, destacando também a maneira pela qual as mulheres foram constantemente ignoradas nas narrativas históricas.

 Partindo para a antiguidade pré-clássica, pouco se sabe sobre as representações do feminino no sentido artístico, nessa época a arte tem como papel principal firmar o poder religioso e político das lideranças por meio de narrativas visuais.

Na Arte do Egito, a mulher além de ser representada era adorada, porém, mesmo enquanto divindade, a adoração vinha com os termos de fertilidade, esposa ou filha. A arte do mundo antigo argumenta uma autoridade e um poder definitivo do homem sobre a função da mulher como esposa, feita muito provavelmente por uma visão condicionada pelas explorações das origens em afirmar o patriarcalismo.

É possível que nas antigas civilizações a religião tenha demorado mais para se definir enquanto patriarcal do que políticas sociais. A religião tomou formas que uniram as divindades femininas da terra com signos que representavam a fertilidade masculina como também divinos. A Arte Egeia, por exemplo, tem essa representação da união do masculino com o feminino na estatueta Deusas das Serpentes.[[12]](#footnote-12)

No que diz respeito à antiguidade clássica, a arte grega traz uma nova perspectiva a dar valorização ao corpo humano e aos sentimentos. A imagem feminina deixa de ser representada completamente desnuda, passa a ser mostrada escondendo seu sexo com uma posição calculada das mãos ou segurando vestes supostamente molhadas, sugerindo mistério, sedução e erotismo. Nessa arte, a figura da mulher é na grande maioria das vezes sugestiva, a racionalidade e o ideal de beleza que tem como padrão. A simetria é retirada na arte grega, sendo muito provável que é a partir dai que a domesticação e a dominação sobre o corpo da mulher na história artística comecem a ocorrer.

Acontecendo que as mulheres são representadas por figuras masculinas durante toda a história da arte antiga, a arte da Grécia que utiliza do realismo, do racionalismo e da busca por um corpo ideal parece ter estabelecido o lugar da mulher como objeto de admiração puramente estética. Percebe-se que as poses das figuras femininas são delicadas, deixando de lado a rigidez na arte de outros povos. É na arte grega que a procura por um ideal de feminilidade submisso ditado a partir do olhar masculino começa a despertar.

Os conceitos sobre a experiência do corpo mudaram ao longo dos séculos, principalmente depois que a sociedade começa a explorar o corpo através de suas ações e desejos. O corpo passou a ser visto como local privilegiado para analisar os valores, os estigmas, as leis, as regras e as proibições das diversas sociedades.[[13]](#footnote-13)

Vale salientar que os gregos eram politeístas e tinham como crença que tanto os deuses como as deusas possuíam as mesmas formas humanas, em outras palavras, a sexualidade de uma deusa já era usada para representar um modelo na qual as mulheres gregas deviam se inspirar, já que a arte na cultura grega também funcionava como uma identificação de um perfil ideal, então as mulheres teriam que corresponder a esse ideal.

Trazendo essa reflexão para um debate do quão factual é a representação das relações de gênero na história, podemos levar em consideração a discussão de como o gênero deve ser entendido como um sistema de poder, denominado inicialmente patriarcal e também teorizado como uma ordem simbólica falocêntrica. Como as mulheres são retratadas na arte diz muito sobre o status e seus papéis na sociedade e o lugar onde os homens as desejavam. Assim, o gênero também é entendido como uma dimensão simbólica que molda as oposições hierárquicas na representação em textos, imagens, construções e discursos sobre arte. Como eixo das relações de poder, pode-se mostrar que o gênero molda a existência social de homens e mulheres e determina representações artísticas.

Partindo para a arte romana, a imagem da mulher não apresenta muitas diferenças da arte grega, entretanto, é na arte romana que a figura do feminino começa a apresentar um modelo que exalta o seu papel funcional para o estado como a esposa e a mãe. A representação de um feminino dócil, submisso, passivo, com uma sexualidade ameaçadora, sendo a esposa ideal e da elite separada do papel da amante, são os temas mais presentes relacionados à mulher na arte de Roma, percebe-se que “a descrição do corpo feminino evidencia ter sido completamente dominada pelo olhar masculino, ditando a sua função submissa perante ao homem e condenada a isso por ter nascido fêmea.”[[14]](#footnote-14)

Alcançamos com o passar da Arte pelo Mundo Antigo os caminhos no qual a imagem da mulher foi incluída e descrita limitadamente como objetcto de apreciação enfatizada pelo estranhamento diante das características humanas de uma fêmea, como o período fértil sucedendo motor de representações; depois mistérios à volta da fertilidade comparados com a criação do universo; mais tarde, a tentativa de construção dos signos masculino como união junto ao sagrado feminino; a representação feminina sensualizada e escondida; retomada dos mistérios; silenciamento; imagem feminina apenas imagem e sem maiores interpretações para o momento histórico em que foram descritas.[[15]](#footnote-15)

O próximo período a ser abordado é a idade média, no que se dizem respeito às obras da era medieval, as mulheres são apresentadas como meras secundaristas, possuindo uma limitada visibilidade por entre as diversas paginas elaboradas sobre a participação e o governo dos homens, eliminando com isso, a diversidade da história.

 Nesse período, a esmagadora maioria das concepções e dos conceitos era formulada pelos eclesiásticos, eles possuíam uma visão dicotômica a respeito das figuras femininas, ou seja, ao mesmo tempo em que a mulher era julgada como culpada pelo pecado original na representação da imagem de Eva, era também a virgem Maria que deu a luz ao salvador do mundo, nesse sentido, existia pouquíssima arte que não seguisse o campo da religião, em sua grande maioria, as figuras da bíblia que eram retratas artisticamente com exceção de Eva, Maria Madalena e a virgem Maria, são homens. Contudo, muito do material a cerca desse assunto não existe mais, como diz Pratas:

Mesmo tendo notícia de inúmeras mulheres do período medieval que se destacaram em vários setores da sociedade – educadoras, rainhas, médicas, astrólogas, teólogas, comerciantes e trabalhadoras braçais no trabalho agrícola – ainda não encontramos, em sua maior parte, citações de sua existência e participação na historiografia. De maneira geral, a representatividade e o valor dessas mulheres, que viveram no período medieval ligadas a várias dimensões da sociedade, se perderam [...][[16]](#footnote-16)

Coibir a mulher era de extrema importância para manter o bom comportamento do feminino em meio à sociedade, como se fosse uma mera ferramenta ela precisava ser modelada e preparada para ir de acordo com as expectativas dos homens. Esse poder patriarcal que de certa maneira dominava a feminilidade tinha como reforço o suposto perigo que a mulher representava. Dessa maneira, tentava-se evitar esse perigo indefinido prendendo as mulheres nos espaços domésticos, pois para época a ociosidade era algo extremamente perigoso, então além de prendê-las se fazia necessário ocupá-las. Algo que não deixa de ser muito comum nos dias atuais, já que “o homem permanece associado aos papéis públicos e a mulher aos papéis privados, estéticos e afetivos.”[[17]](#footnote-17)

Não há nenhuma dúvida de que a destinação das mulheres aos papéis “passivos” e domésticos contribuiu de maneira determinante para associar beleza, amor e fragilidade à identidade feminina. A educação das mulheres sempre esteve muito associada aos homens, agradá-los, amá-los, respeitá-los e dedicar sua vida à felicidade deles. Esta é uma questão importante dentro da história do feminino e da diferença de gêneros.[[18]](#footnote-18)

 No que diz respeito ao conjunto de ilustrações da era medieval, as mulheres eram representadas de acordo com a perspectiva masculina, ou seja, como ela supostamente deveria ser. “Os homens profundamente influenciados pelos dogmas religiosos, elaboram uma imagem feminina negativa, num estigma constante de pecado”[[19]](#footnote-19), sendo assim o pecado original causado por Eva, caia por todas as mulheres tornando como sua característica essencial a maldade. “A comparação estabelecida entre mulher, diabo e sexualidade nos permite interpretar a condenação do sexo feminino como a condenação da sexualidade e, daqui em diante, a reprodução carnal.”[[20]](#footnote-20) Essa forma de pensar continuou por toda a Idade Média até o século XI, século esse onde o culto a Maria começa a ser desenvolvido.

Longe de ter sido obscurantista, a Idade Média foi uma épocaque o gênio humano se exprimiu de maneira inesquecível nas artes: letras, música, arquitetura, pintura, filosofia, dando às produções um toque transcendental, profundamente religioso e inspirado numa fé intensa. É claro que houve em tal época falhas humanas – não poucas nem pequenas – numa hierarquia nada igualitária.[[21]](#footnote-21)

 Desse modo, ao tentar compreender as obras medievais segundo algumas características gerais da época, é fato que se encontra uma busca para retratar e afirmar uma hierarquia que determine o comportamento e os espaços de poder referidos ao masculino sobre o feminino.

Já a partir dos séculos XV e XVI a figura feminina começa a ser vista como o objeto belo da criação divina, começa a ser considerada por sua suprema beleza, sendo vista até mesmo como um ser angelical. “O reconhecimento social da beleza feminina entra em uma nova fase de sua história. Coberto, depois nu, o corpo feminino adquire as proposições ideais que guiarão o trabalho dos artistas atuais”[[22]](#footnote-22). A mulher com toda sua beleza começa a se transformar em fonte de inspiração para os artistas, as representações de Vênus, por exemplo, começam a se tornar o reflexo do mundo ideal. A figura feminina se desprende de toda a associação com o pecado e passa a aproximar a imagem da mulher à imagem da virgem Maria.

A imagem do corpo humano e sua nudez durante a era clássica ajudou os intelectuais da arte a formar uma relação entre a beleza do corpo humano e a ideia de juventude, contribuindo para que muitos pintores e escultores criassem suas obras de acordo com esse padrão.

Na arte, os encantos femininos sempre inspiram os pintores e poetas, onde exprimiam amplamente essa nova sensibilidade, esse novo valor conferido à beleza feminina. Desde a primeira metade do século XV, manifesta-se o gosto dos príncipes e dos senhores pelas pinturas de mulheres nuas, impondo-se como um tema nobre dos artistas.[[23]](#footnote-23)

 Uma Vênus nua como a de Botticelli e as pinturas de Ticiano são personificações de ideais religiosos. Mas, em ambos os casos, as mulheres também são ornamentos passivos e sexuais, destinados ao olhar masculino. Neste sentido, debates acerca do "olhar masculino" como sendo uma característica da "desigualdade de poder de gênero" podem contribuir para uma melhor desconstrução dessa carga de submissão em que a mulher é vista e ensinada a ter. O olhar é uma questão muito significativa na política de gênero do século XIX, pois funciona como um símbolo da dinâmica de poder entre a pessoa dominante que observa (geralmente um homem) e a pessoa vulnerável que está sendo observada (geralmente uma mulher).

Enquanto os artistas renascentistas pintavam belos nus femininos, o período do Renascimento não parecia afetar muito a experiência histórica das mulheres. De qualquer forma, o papel delas tornou-se mais profundamente definido como a dona de casa e nada mais. Em toda a Europa, as mulheres não podiam votar, eram fortemente desencorajadas a possuir um negócio e tinham muito menos direitos de propriedade do que os homens. As jovens aristocráticas eram frequentemente forçadas a casamentos políticos, onde todas as suas propriedades eram transferidas para o marido e elas eram efetivamente presas. Prevaleceram estritas expectativas de castidade feminina, e as mulheres que quebraram as regras foram punidas como criminosas e exiladas sociais.

O final do século XIX marca o início de uma importante revolução de gênero que acabou se transformando na primeira onda do movimento feminista. É então que a partir do século XX a produção artística passa a tomar novos rumos levando o artista a renunciar a perspectiva de obra definitiva e a constituir o “não-acabado”. Em oposta visão clássica tradicional, a obra de arte assim gerada apresenta uma liberdade interpretativa guiada por seus traços essenciais. “Mas esta perspectiva era apenas o início de uma transformação radical da chamada “arte contemporânea” que, no limite, tende para a autodestruição na medida em que denuncia como castradora e limitava qualquer poética possível.”[[24]](#footnote-24)

É no século XX que grupos de mulheres como as Sufragistas fizeram campanha com sucesso para que as mulheres tivessem o direito de votar - na maioria dos países isso aconteceu em 1930. As duas guerras mundiais mostraram que as mulheres podiam ocupar o lugar dos homens nas fábricas, que também podiam trabalhar fora de casa como dentro dele e que eles poderiam contribuir para a economia.

Um ensino refletido nessas ideias e guiado por esse olhar permite construir uma percepção de que as mulheres não são uma categoria homogênea definida apenas por gênero como se fez pensar a sociedade durante muito tempo.  As mulheres são diferenciadas por classe, etnia, cultura, religião, localização geopolítica, sexualidade e habilidade. Portanto, aquilo que é ensinado sobre elas dentro do “cânone” das escolas ainda tem muito que ser reexaminado e avançado. A escolaridade naturalmente desempenha um papel fundamental nesse processo, bem como os livros escolares. O sistema educacional de qualquer país é moldado e afetado pelos preconceitos, valores e tradições mantidos pela sociedade.

Não há dúvidas de que o papel das mulheres na sociedade se transformou significativamente ao longo da história. Algumas culturas estavam centradas na entidade feminina como símbolo de vida e fertilidade, enquanto outras se desviavam para um foco mais masculino. Em culturas mais antigas, elas eram reverenciadas sob uma luz sagrada. A representação das mulheres na arte está certamente ligada ao seu status na sociedade.

O século XIX teve idéias muito fortes (e difundidas) sobre como um homem ou uma mulher deveriam se comportar. Os homens pertenciam à esfera pública, nos domínios da política, comércio e religião. As mulheres, por outro lado, pertenciam à esfera privada, criando a família e cuidando do lar. As estruturas de produção, exibição e consumo de arte foram historicamente controladas pelos homens. As mulheres foram excluídas das universidades, das sociedades de arte de maneira sustentada, sistêmica e culturalmente sancionada. Elas foram deliberadamente discriminadas por aqueles em posições poderosas.

A crescente apreciação da necessidade de redefinir os papéis sociais femininos coexistia com fenômenos como domínio masculino, misoginia e caça as bruxas. Nas artes visuais renascentistas e barrocas, por exemplo, feitas principalmente por homens, as figuras femininas aparecem com menos frequência do que as representações de homens, independentemente de serem ou não as figuras centrais. Além de suas apresentações em menor número, os homens são representados principalmente em posições dominantes e centrais.

Um “passeio” histórico pelas representações artísticas de cada período demonstra o poder e influência que a dominação patriarcal exerceu durante séculos, relegando ao esquecimento o papel das mulheres como sujeitos ativos na construção da história do mundo. Para entender todos os papéis sociais que lhes foram atribuídos torna-se necessária essa historicização sobre a representação das mulheres dentro de cada sociedade em diferentes épocas. Afinal, os estereótipos que lhes foram outorgados, culturalmente, ocorrem desde os tempos pré-históricos, onde as mulheres são retratadas na arte dando uma impressão da percepção que o artista e a cultura em que viviam tinham das mesmas.

Por muitos anos as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história [...] Como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe de suas vidas, papéis e experiências no passado, e a própria existência de fenômenos como o movimento pelos direitos da mulher no século XIX.[[25]](#footnote-25)

Mulheres, excluídas por construções masculinas na história da arte moderna, tiveram que se recuperar de um esquecimento criado por esses discursos, enquanto a idéia de mulher como protagonista deve ser restabelecida diante de uma ideologia que coloca qualquer coisa feminina em uma posição secundária.

A história da mulher ganhou, dentro do campo historiográfico, algumas várias abordagens, principalmente no que se refere às relações de poder que permeiam o ideário feminino. As mulheres começaram a se opor aos papéis de gênero prescritos no final do século XIX, e pediram mais liberdade e direitos sócio-políticos. Tratar dessas raízes históricas sobre a representação da mulher é reduzir tanto a lacuna de estudos sobre mulheres e gênero para jovens quanto à perpetuação da desigualdade de gênero. No final, trata-se de enfrentar nossas questões sociais mais importantes.

Alguns livros didáticos, por exemplo, ainda contêm estereótipos sexuais que podem ter efeitos profundos no desenvolvimento afetivo e cognitivo dos jovens. A posição atribuída às mulheres nos livros de história é o resultado de um intrincado processo de planejamento curricular baseado em um sistema patriarcal. Durante esse processo, são tomadas decisões sobre o que deve ser selecionado para inclusão. Esse processo de seleção é guiado pela visão estreita e particular do que constitui conhecimento legítimo de uma pessoa ou grupo dominante. A consequência disso é a produção de materiais com potencial para predispor os alunos a pensar e agir de maneira específica, sem considerar outras perspectivas, possibilidades, interpretações, perguntas e ações.  A implicação disso é que os jovens estão em escala global recebendo uma mensagem de que as mulheres fizeram menos na história e, consequentemente, são representadas de acordo.

**Considerações Finais**

Para que haja uma ruptura desse paradigma preconceituoso e errôneo é necessário refletir para além do básico que é relatado acerca da história das mulheres, trazendo à luz toda a visão sexista que foi projetada ao longo da história. À medida que os alunos entram no ensino fundamental e médio, torna-se ainda mais importante trazer tais discussões para a sala de aula.

A maneira como as mulheres são retratadas, portanto, com toda a probabilidade, influencia a maneira como os jovens entendem as contribuições das mulheres para a história. Para a maioria das imagens da civilização humana de mulheres retratadas em artes, literatura e cinema foram criadas por e para homens. Suas representações eram quase uma metáfora para a posição e o papel que a mulher tinha.

Os Estados criaram conjuntos de padrões de aprendizagem que descrevem o que os alunos devem saber e ser capazes de fazer em estágios específicos da educação. Sendo assim, a falta de representação e contexto pressupõe que a história das mulheres seja ainda menos representada. Isso implica que a história das mulheres não é importante.

Ver como uma sociedade trata suas mulheres pode ser muito esclarecedor. Uma investigação sobre a posição das mulheres em diferentes pontos da história mostra em que conceitos nossa sociedade está enraizada, bem como as mudanças que já ocorreram. As mulheres passam a desfrutar de um nível melhor de igualdade, por exemplo, nas sociedades ocidentais atuais do que em qualquer momento da história que conhecemos.

Apesar do crescimento da pesquisa sobre a história das mulheres no século passado, os textos de história e os cursos educacionais predominantes ignoravam as experiências das mulheres e havia uma tendência de ver essa história como separada de outros desenvolvimentos. Na década de 1990, portanto, alguns pesquisadores encaravam uma nova história de gênero que aplicasse os temas levantados pela história das mulheres a ambos os sexos e focalizasse as várias maneiras pelas quais as diferenças de gênero ao longo do tempo e no lugar foram construídas e compreendidas.

Agora, a história das mulheres estava se inserindo muito mais no currículo de ensino do que há meio século, o número de professoras na história das mulheres também aumentou e há muito mais meios de publicação. O surgimento da arte feminista e da história da arte desde a década de 1960 resultou não apenas uma reavaliação da representação da mulher como sujeito, criador e receptor da arte pictórica, mas também inspirou um exame mais amplo das questões de gênero.

Por outro lado, muitos textos históricos tradicionais ainda dão pouco espaço para as mulheres e suas experiências específicas. Nesse contexto, continua sendo importante promover a pesquisa e ensino sobre a história das mulheres, tanto na academia quanto na comunidade em geral. A estreita relação entre a política feminista contemporânea e a prática histórica significa que a história das mulheres ainda é capaz de excitar o entusiasmo e mudar constantemente, desenvolvendo novas áreas de pesquisa e novos conceitos e abordagens com as quais se pode analisá-las.

**Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Flávia Leme de. **O feminino na arte e a arte do feminino: movimentos libertários do século**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FLORES, Eliziane Menezes. **Autorreconstrução do Feminino pela Arte**. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937.** (Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRATAS, Glória Maria D. L. **O feminino na arte medieval**. 2009.

SCOTT, Joan. **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA**. New York, Columbia University Press, 1989.

TEDESCHI, LosandroAntonio. **A História das Mulheres e as representações do feminino na história**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

VICENTE, Filipa Lowndes. **A arte sem história: Mulheres e cultura artística (século XVI – XX)**. Lisboa, 2011.

VIEIRA, Carla Borin. **A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias**. Santa Maria, RS, Brasil, 2010.

1. Bolsista do PIBID do curso de história. Graduando em licenciatura em história pela Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. E-mail: eber.felipe90@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Bolsista do PIBID do curso de história. Graduando em licenciatura em história pela Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. E-mail: gibsonportela@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Supervisor do PIBID do curso de história na Escola Municipal Maria Anunciada Pinheiro Dias. Graduado em Licenciatura em História na Universidade de Ensino Superior de Olinda. E-mail: jandeckjr@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Coordenadora do PIBID do curso de história. Doutora em História na Universidade Federal de Pernambuco e Professora Adjunta na Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. E-mail: guimaraes.janaina@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)
5. VIEIRA, Carla Borin. *A Presença do Corpo Feminino como objeto na Arte Contemporânea: as artistas contemporâneas e suas autorias*.Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 16. [↑](#footnote-ref-5)
6. SCOTT, Joan. *GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA*. New York, Columbia University Press, 1989. P. 5. [↑](#footnote-ref-6)
7. TEDESCHI, LosandroAntonio. *A História das Mulheres e as representações do feminino na história.* Campinas: Curt Nimuendajú, 2008. P. 123. [↑](#footnote-ref-7)
8. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 13-14. [↑](#footnote-ref-8)
9. ALMEIDA, Flávia Leme de. *O feminino na arte e a arte do feminino: movimentos libertários do século*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. P. 57. [↑](#footnote-ref-9)
10. FLORES, Eliziane Menezes. *Autorreconstrução do Feminino pela Arte*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. P. 18. [↑](#footnote-ref-10)
11. FLORES, Eliziane Menezes. *Autorreconstrução do Feminino pela Arte*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. P. 19. [↑](#footnote-ref-11)
12. FLORES, Eliziane Menezes. *Autorreconstrução do Feminino pela Arte*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. 21. [↑](#footnote-ref-12)
13. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 13 [↑](#footnote-ref-13)
14. FLORES, Eliziane Menezes. *Autorreconstrução do Feminino pela Arte*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. P. 24. [↑](#footnote-ref-14)
15. FLORES, Eliziane Menezes. *Autorreconstrução do Feminino pela Arte*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013. P. 24. [↑](#footnote-ref-15)
16. PRATAS, Glória Maria D. L. *O feminino na arte medieval.* 2009. P. 118. [↑](#footnote-ref-16)
17. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 28. [↑](#footnote-ref-17)
18. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 28. [↑](#footnote-ref-18)
19. PRATAS, Glória Maria D. L. *O feminino na arte medieval*. 2009. P. 121. [↑](#footnote-ref-19)
20. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 30. [↑](#footnote-ref-20)
21. PRATAS, Glória Maria D. L. *O feminino na arte medieval*. P. 123. [↑](#footnote-ref-21)
22. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 30. [↑](#footnote-ref-22)
23. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 32. [↑](#footnote-ref-23)
24. VIEIRA, Carla Borin. *A PRESENÇA DO CORPO FEMININO COMO OBJETO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria, RS, Brasil, 2010. P. 49. [↑](#footnote-ref-24)
25. HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. (Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 24.  [↑](#footnote-ref-25)